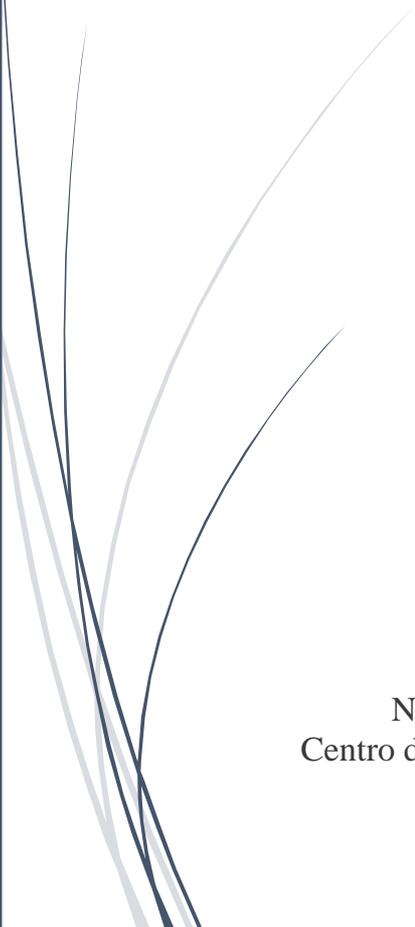




# **A ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL NO CONTEXTO DA PANDEMIA DE COVID-19 NO DISTRITO FEDERAL**

coletânea de depoimentos e outros escritos

Caetana Juracy Rezende Silva  
Fernando Bomfim Mariana  
Maria da Conceição da Silva Freitas  
(orgs.)



Núcleo de Estudos Estratégicos (NESTRA)  
Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares (CEAM)  
Universidade de Brasília (UnB)  
2023

© 2023 Caetana Juracy Rezende Silva; Fernando Bomfim Mariana; Maria da Conceição da Silva Freitas.



[Licença creative commons: colocar a figura correspondente a sua autorização]

A responsabilidade pelos direitos autorais de textos e imagens dessa obra é de Caetana Juracy Rezende Silva, Fernando Bomfim Mariana e Maria da Conceição da Silva Freitas.

1ª edição

## Elaboração e informações

Universidade de Brasília

Centro de Estudo Avançados Multidisciplinares

Núcleo de Estudos Estratégicos

Endereço: Campus Universitário Darcy Ribeiro, CEP 70910-900, Brasília-DF, Brasil

Contato: (61)3107-5802

Site: [www.ceam.unb.br](http://www.ceam.unb.br)

E-mail: [nestra@unb.br](mailto:nestra@unb.br)

## Equipe técnica

Autores: GOMES [et. al.]

Organização: SILVA, C. J. R.; MARIANA, F.B.; FREITAS, M. C. S.

Revisão: Caetana Juracy Rezende Silva e Fernando Bomfim Mariana

Diagramação: Caetana Juracy Rezende Silva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Biblioteca Central da Universidade de Brasília - BCE/UNB)

O69

A orientação educacional no contexto da pandemia de Covid-19 no Distrito Federal : coletânea de depoimentos e outros escritos / Caetana Juracy Rezende Silva, Fernando Bomfim Mariana, Maria da Conceição da Silva Freitas (orgs.). – Brasília : Universidade de Brasília, Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares, 2023.  
189 p. : il.

Inclui bibliografia.

ISBN 978-65-997169-4-2 (impresso).

ISBN 978-65-997169-5-9 (e-book).

1. Orientação educacional. 2. COVID-19, Pandemia de, 2020-. I. Silva, Caetana Juracy Rezende (org.). II. Mariana, Fernando Bomfim (org.). III. Freitas, Maria da Conceição da Silva(org.).

CDU 37.048

A ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL NO  
CONTEXTO DA PANDEMIA DE COVID-19  
NO DISTRITO FEDERAL  
coletânea de depoimentos e outros escritos

# A ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL NO CONTEXTO DA PANDEMIA DE COVID-19 NO DISTRITO FEDERAL

coletânea de depoimentos e outros escritos

A questão central desta obra é dar visibilidade ao trabalho da Orientação Educacional no contexto da pandemia de Covid-19 no Distrito Federal. Os desafios do ensino remoto e das ressignificações do trabalho docente exigiram inúmeros contornos para o exercício da profissão do Orientador Educacional. Nesse sentido, esta publicação não é uma obra estritamente acadêmica. Reúne depoimentos e escritos diversos, nos quais as autoras e os autores estiveram livres para apresentarem suas contribuições profissionais a partir de olhares próprios dos sujeitos diante das inúmeras questões enfrentadas.

A importância desta coletânea de textos se firma nos pressupostos de aproximação das realidades dos Orientadores no âmbito da troca de saberes entre a Educação Básica e a Universidade, bem como pela possibilidade de complexificar as reflexões dentro das Ciências Humanas na intencionalidade de transformação da sociedade.



*À memória de Karina Mondianne de Sousa Oliveira Gomes*



# SUMÁRIO

**APRESENTAÇÃO** – 4

**PREFÁCIO – A CAIXA DO DESCONHECIDO** – 7

*Karina Mondianne de Sousa Oliveira Gomes*

**CAPÍTULO 1:** Comentários sobre publicações acerca do trabalho do Orientador Educacional no contexto da pandemia de Covid-19 – 9

*Aldeane de Souza; Jane Rose Ferreira dos Santos e André Ribeiro da Silva*

**CAPÍTULO 2:** O Orientador Educacional e a mediação de conflitos no contexto do ensino remoto: a experiência da Escola Classe 22 do Gama – 20

*Ana Cláudia Costa Medeiros*

**CAPÍTULO 3:** Trabalho docente e o Pedagogo-Orientador Educacional no contexto da pandemia de Covid-19 no Distrito Federal: Orientar desenvolvendo autonomia de estudos em tempos de distanciamento social – 33

*Anita de Oliveira Ventura*

**CAPÍTULO 4:** O Orientador Educacional como elo entre família e escola: ampliando possibilidades e caminhos para a construção de aprendizagens em tempos de pandemia de Covid-19 no ensino público do Distrito Federal – 39

*Carla Micheline Campos da Silva*

**CAPÍTULO 5:** Orientação Educacional em tempo de pandemia: desafio aceito – 47

*Débora A. Felipe*

**CAPÍTULO 6:** Sob a ótica do lado avesso na educação, no contexto da pandemia de Covid-19 no Distrito Federal – 56

*Edvaldo Medeiros de Souza*

**CAPÍTULO 7:** Orientação Educacional no contexto de pandemia: mais que empatia, compaixão! – 68

*Fernanda Cavalcante e Keila Andrich*

**CAPÍTULO 8:** O trabalho docente e o Pedagogo-Orientador Educacional no contexto da pandemia de Covid-19 no Distrito Federal – 76

*Hellen Andrade Lima*

**CAPÍTULO 9:** Coordenação Intermediária da Orientação Educacional: os desafios e as aprendizagens no desenvolvimento das atribuições no trabalho mediado pelas tecnologias – 78

*Ivanilde Silva*

**CAPÍTULO 10:** A práxis pedagógica no trabalho da Pedagoga-Orientadora Educacional de escola pública do Distrito Federal no contexto de ensino remoto emergencial – 92

*Jesica Barbosa Dantas*

**CAPÍTULO 11:** Orientação Educacional em tempos de pandemia: a invisibilidade e o acolhimento ao Orientador Educacional – 102

*Jéssica Morrone de Oliveira Paes*

**CAPÍTULO 12:** A ressignificação da práxis da Orientação Educacional da Escola Classe do Setor P Norte no contexto da pandemia – 108

*Lucélia de Lima Soares e Maria da Graça Gomes da Silva*

**CAPÍTULO 13:** Orientação Educacional: diálogos e troca de saberes entre a Educação Básica e a Universidade de Brasília – 116

*Maria Delmair Lacerda Queiroz e Fernando Bomfim Mariana*

**CAPÍTULO 14:** Estudantes com indicativo de altas habilidades/superdotação e a relevância do trabalho pedagógico do Orientador Educacional – 123

*Maria Eugênia Monteiro e Francisnilde Miranda da Silva*

**CAPÍTULO 15:** Encontros e descobertas na Orientação Educacional pelo Brasil – 140

*Marina Cantanhêde Rampazzo*

**CAPÍTULO 16:** O Desafio interpessoal do trabalho remoto no contexto da pandemia – 143

*Maristela Pereira de Sousa Severo*

**CAPÍTULO 17:** Princípios teóricos no trabalho da Orientação Educacional – 150

*Michele Miranda*

**CAPÍTULO 18:** Encontro Articulado Pedagógico: momento estratégico de construção coletiva da práxis da Orientação Educacional durante o ensino remoto – 160

*Nádia Lopes dos Santos*

**CAPÍTULO 19:** Orientação Educacional: tecendo novas estratégias de escuta pedagógica diante dos novos contextos socioemocionais – 164

*Patrícia Miranda Chaves dos Santos*

**CAPÍTULO 20:** Busca e escuta no ensino remoto: um olhar sobre os desafios na Educação Infantil – 174

*Vera Lúcia Bezerra Cândido*

**CAPÍTULO 21:** A prática da Orientação Educacional no ensino remoto: a experiência do CEF 101 do Recanto das Emas – 181

*Zenilda Martins*

## CAPÍTULO 6

### SOB A ÓTICA DO LADO AVESSE NA EDUCAÇÃO, NO CONTEXTO DA PANDEMIA DE COVID-19 NO DISTRITO FEDERAL

*Edvaldo Medeiros de Souza*

Ao longo das experiências e expectativas da vida; para profissionais da educação, tais como docentes e Pedagogo-Orientador, especialmente no decorrer de um processo educacional histórico, no contexto de crise pandêmica-Covid-19; é de aprendizados e compartilhamentos, na esfera de contribuição educativa-formativa para todos que lidam com a ‘Educomunicação’<sup>2</sup> formadora. Ou seja, como intensificar valores humanos e ações transformadoras sociais, por meio da educação, se vivemos, no contexto da pandemia, um momento intenso de uma comunicação mediada, por meios tecnológicos e rede da internet? Parece contraditório. Então qual seria o comportamento de um educador docente ou Pedagogo-Orientador Educacional?

Bem, a investigação e a superação são próprias de quem escolhe a educação como ciência e profissão. Mas, como investigar e ter como resultado ações educadoras para enfrentar a realidade presente, se nem todos têm os mesmos recursos e nem alcançam os produtos e recursos didáticos oferecidos e exigidos, nessa época, de intensificação da pobreza, do medo e da luta pela sobrevivência? Pois, sendo assim, aquilo que deveria ser prioritário na vida de qualquer um, que é a educação, passa a ser algo bem secundário.

Já vivemos outras pandemias no mundo. Pois, essa enfermidade que se espalha, ocorreu, literalmente, em outros momentos históricos, como também, ocorreu, metaforicamente, como fatos históricos marcadas por tragédias e desesperança. Esse momento, então, se compara, ao que se fez e ao que se faz duramente o passar dos anos de reflexão, dos que tentam ter posturas pedagógicas, que trazem pertencimentos coletivos, a

---

<sup>2</sup> **Educomunicação** é um campo teórico-prático que propõe uma intervenção a partir de algumas linhas básicas como: educação para a mídia; uso das mídias na educação; produção de conteúdos educativos; gestão democrática das mídias; e prática epistemológica e experimental do **conceito**.

todos que se dedicam na esperança de dias melhores para a Educação, como mudança à um perfil encontrado como desigual, pesaroso e desestimulante presente em nossa sociedade, atualmente e, em outros momentos, tendo como prisma a nossa Educação institucionalizada.

Portanto, como dizia Descartes: “O meu intento não é ensinar aqui o método que cada qual deve seguir para bem conduzir a sua razão, mas somente mostrar de que maneira procurei conduzir a minha” consciência.

### **Superação significa evolução diante das circunstâncias imposta pelo contexto.**

O medo do que está acontecendo e de mudar envolve a sociedade e todos os indivíduos a tal ponto que, os tornam incapacitados para às mudanças pertinentes e necessárias. Por um lado, vivemos num mundo de contemporaneidades, onde tudo é extraordinariamente “belo” ou ultrapassável em nossas vidas. E, por um outro lado, crises nos fazem evoluir e ir adiante. Porém, precisamos, sim, vivenciarmos, com uma postura de aprendiz um mundo de crises, pois somente assim cresceremos, racionalizaremos, como gente em construção e cresceremos como indivíduos para uma sociedade em extremos de desequilíbrios e equilíbrios constantes. Por outro lado, havemos de nos questionar sobre para onde estamos crescendo; pois estamos, atualmente, vivendo num ‘estado pandêmico’, também, de medo, desconfianças e quebra de relações interpessoais e intrapessoais que antes eram saudáveis, e agora, na crise pandêmica da Covid-19, nos tornamos seres autômatos virtuais.

Não há dúvidas que o conhecimento deve ser compartilhado. Independe da forma com que me comunico com o outro; do seu contexto sociocultural, sem com que venha limitar a apropriação de linguagens cotidianas e de seus padrões de comunicação dialética. Pois, uma das tarefas da educação e educadores, é iluminar também a possibilidade de cada (agente da comunicação) ir em frente nas suas necessidades, procedimentos e escolhas, na e para sua experiência cognitiva e humana.

### **O mundo atual em que todos vivemos**

O mundo em que vivemos é imagético, logo o mundo de todos nós apresenta-se de forma mental, ‘cognitivante’ e ao mesmo tempo cogni e ciente (de cognição consciente). Essa realidade com tantas possibilidades de estar na vida do outro, mesmo sem poder, muitas

vezes, vê-lo ou estar perto, presencialmente, apresenta-se, há muito tempo, independentemente de pandemia, como ‘verdades’ intensas e absolutas na sua natureza de aplicação: se sobrepõem sobre outras formas de influências, têm uma proposta política voltada à idealização de um mundo controlado pelas ideologias militantes e massificantes. Estrutura e desestrutura nossos pensamentos, maneiras de pensar e agir, levando-nos à uma espécie de ‘joguete’ do inconsciente apelativo (acrítico) e desconstrutivo ilimitado.

Evidentemente, que para os que refletem sobre o que acontece, esse cenário, ao mesmo tempo provoca em todos os atentos, críticos, conscientes do ‘não se entregar’, a percepção das coisas e de suas finalidades culturais transformadoras. Ou seja, de que é preciso existir para identificar, assumir e somente assim poderemos definir se aceitamos ou não sua oferta de transformação.

O fato é que tudo isso, implicará em novas e renovadas atitudes na Educação e formação de nossos jovens estudantes, e, de nossos formadores Pedagogos-Orientadores Educacionais, docentes e todos os demais profissionais da educação. Pois, é na busca de novas estimulantes aplicações construtivas e de senso crítico reparador e revolucionário é que estaremos contribuindo com cada parte de uma realidade histórica. Afinal, a verdadeira revolução educacional sempre se fez e sempre se fará, na sociedade com atitudes de enfrentamentos e de aplicação de mudanças estruturais sociais e cognitivas. A humanidade e toda natureza sempre serão frutos de suas escolhas, geneticamente e socialmente decodificado, pelos resultados de sua atuação no mundo. Afinal, como disse Paulo Freire (2011, p.31): “atuando, transforma; transformando, cria essa realidade que, por sua vez, ‘envolvendo-o’ condiciona sua forma de atuar”.

### **Estamos em que época mesmo?**

A época em que vivemos encontra-se, ainda, em processo de ‘transição’ do moderno para a pós-modernidade, mostrando-se signos paradigmáticos e pragmáticos. Baseando-se, ainda, na visão de ‘suspeição’ e recuperação reflexiva de todos os envolvidos na sua própria evolução de pensamento filosófico próprio. Estamos egoístas. Portanto, não podemos perpassar as partes sem antes forjarmos o todo.

Nesse afã, é preciso compreender Educação como prática social, dialogando com o mundo em superações, erros e lutas para serem compreendidas e superadas: isso se dá o nome de Evolução. Como diz Bachelard (1972), a teoria do objetivo deve ser construída

contra o objeto, assim também, só aplicando a Ciência contra a Ciência, é possível levá-la a dizer não só o que sabe de si, mas tudo aquilo que tem de ignorar a seu respeito para poder saber da sociedade o que esperamos que ela saiba.

Adentrando, assim, (de forma profética), um pouco mais, nas futuras expectativas das redes de comunicação, a partir do contexto atual de pandemia, pode-se perceber a abrangência e a discordância das redes de comunicação, que alimentam a expectativa diária de mudanças e transformações de modo a atingir a todos individualmente. Esse modo de se comunicar, contribuirá ou não de fato, no aprofundamento cognitivo e comunicativo das pessoas e nas suas relações sociais coletivas, transformando-as pelo fator prático dando sentido à vida de cada um?

É temeroso tudo: segundo Foucault, os discursos que “se dizem” na sequência dos dias e das trocas e que passam com o ato em que são pronunciados; e os discursos que estão na origem de um certo número de atos novos de palavras que os retomam, os transformam ou falam deles, em suma, discursos que indefinidamente, e para além da sua formulação, são ditos, permanecem ditos e ainda ficam para dizer” (1971, p. 24).

Mediante a essa afirmação, pode-se refletir que, se faz necessário atualmente promovermos equilíbrios nos processos de criatividade e adaptações cognitivas para termos a práxis entendida e absorvida dentro do contexto situacional em cada indivíduo social. Para que tenhamos a Ciência como apoio compreendida e refletida nas suas consequências primordiais, mediando o homem nas suas angústias em busca do que se pode realizar com profundidade de fundamentos, contextualizando à técnica, ao equilíbrio em busca de tais liberdades de expressão, mas não de ser vigiadas.

### **Como orientar para formação de valores e propósitos investigativos, diante de tantas ofertas superficiais e sem profundidades?**

Para evidenciar a curiosidade, o desafio e a investigação, como pontos de partida para busca do conhecimento, diante de fenômenos complexos do mundo e da vida, serão necessárias muitas mudanças didáticas, mudanças de postura de educadores e de posicionamentos motivadores de educandos. E essas posturas e posicionamentos serão necessários em todos os conteúdos, não apenas no campo das Ciências como proposto no texto O Ensino por Investigação Pressupostos e Práticas, da escritora Lúcia Helena. Isto porque mudando-se a forma de ensinar e de aprender o caminho percorrido ajudará a

apropriação de quaisquer conhecimentos. No texto, de autoria de Lúcia Helena, citado acima, traz consigo o elencamento de ideias que podem contribuir, de fato, com o ensino por investigação.

Para a autora, algumas propostas didáticas pouco permitem a reflexão e sobre os resultados obtidos. Ou seja, poucas questões trabalhadas em sala virtuais ou não, não passam de exercícios e não problemas. Pois como reflete a autora, um problema suscita como chegar a uma solução e os processos pelos quais se passa para resolver a questão é o que desenvolve habilidades. De acordo com Anna Maria Pessoa Carvalho (2011), quatro principais etapas fundamentam a apresentação de propostas investigativas, ou seja, atividades que podemos identificar como propostas problemáticas didáticas: 1.º-O problema para a construção do conhecimento; 2.º-A passagem da ação manipulativa; 3.º-A tomada da consciência e a 4.ª-A construção de investigações.

Desse modo se pode inferir que para promover um processo investigativo para o educando se faz necessário elaborar problemas e processos que explorem o raciocínio científico, filosófico (os porquês), lógico e criativo, como sugere também Lúcia Helena Sasseron.

Como exemplo, do que está sendo refletido acima, no filme “O menino que descobriu o vento”, drama de Chiwetel Ejiofor, conta a história de William, um menino muito pobre e morador de um vilarejo, com a impossibilidade de os moradores trabalharem na colheita no período de chuva e, logo em seguida, o período de seca. William tem ideias de como usar o conhecimento adquirido e associação com a vida prática traz com muita criatividade e racionalidade a resolução dos problemas.

Vale a pena ressaltar que William viu pessoas morrerem de fome, não viu ajuda do governo e tinha uma família que fez de tudo para colocá-lo numa escola, que logo o dispensou por falta de pagamento e que inicialmente os pais não investiram em suas ideias por medo e descrença. É neste cenário que surge William, um investigador autônomo, que tem na escola uma bibliotecária que lhe permite pesquisar as escondidas. Suas pesquisas são autônomas, sem direção ou orientação de alguém sobre engenharia e energia eólica.

A história de William, que é baseada em fatos reais, é de uma criança que tem curiosidades, empatia com as dores da comunidade e de uma família, morador de um lugarejo desprovido de gestão e sem quaisquer ajuda governamental. Do que se pode inferir que autonomia, conhecimento oculto e contexto, foram os motivadores de sua criação: um

sistema de moinho de bombeamento de água que transforma sua realidade e de sua comunidade. E, não o acesso à internet ou poder aquisitivo favorável a todos os benefícios trazidos pelo mundo moderno e imposições, tais como as que estamos vivendo no mundo atual e, por consequência, na escola e na educação.

Relacionando o texto “O menino que descobriu o vento”, sob Direção de Chiwetel Ejiofor e o texto O Ensino por Investigação-Pressupostos e Práticas de Lúcia Helena Sasseron, pode-se afirmar que a escola deveria, antes e deverá, pós pandemia, caminhar muito ainda, para se tornar um espaço de investigação, de forma plena. Isto porque assim como ‘visualizamos’ no filme, a escola que está se apresenta, ainda hoje, longe ainda de criar, acolher os marginalizados, os “sem celular e sem Internet, de valorizar Currículo Oculto, de desenvolver autonomia, de valorizar o autodidata, de se ter empatia pelas necessidades ambientais e contextuais e de oferecer produção de conhecimentos uteis a todo o contexto escolar e ambiental.

### **Docentes e Pedagogos-Orientadores Educacionais: como superar, evoluir e transformar?**

Para que a realidade escolar evidencie, o desafio e a investigação como pontos de partida, para a busca do conhecimento de fenômenos complexos do mundo e da vida, serão necessários, como diz Lucia Helena Sasseron, encontrar respaldo na própria epistemologia do ensino [...], no caso das Educação como ciência, filosófica e transfiguradora. Ou seja, que ela tenha como propósito analisar sempre se promove que o ser possa: desenvolver o raciocínio lógico, objetivo, criativo, subjetivo, imaginário; interagir construção conjunta do conhecimento, oferecer informações, respeitar posicionamentos, interpretar e "ler o mundo", fomentar nele próprio e nos outros a investigação, etc. Nesse caso, o docente ou Pedagogo-Orientador Educacional e demais especialistas em educação, devem reaprender a ensinar, a fazer perguntas, a ouvir e a construir com seus estudantes cenários contextuais, na busca de soluções. Deverá, mesmo em contatos on-line ou presenciais, psicossociais ou pedagógicos, proporcionar, ao estudante, o papel de ator central (protagonista), em que permita em seu planejamento e organização diária, tantas criações de possibilidades que surgem quando se é atento(a) às mudanças de mundo e de circunstâncias que a Escola como espaço social está passando, passou e sempre passará.

## **Considerando o acesso ou a falta de acesso às novas tecnologias e rede de internet**

Para refletirmos sobre o uso de mídias e tecnologias digitais como recursos pedagógicos, num contexto de aprendizagem ubíqua<sup>3</sup> e em crise, como podemos considerar o tempo de aulas remotas em que estamos vivendo, será necessário repensar sobre os vários conceitos e sentidos implícitos nessa atuação, pois podemos nos esquecer que somos, acima de tudo, protagonistas da humanização e não apenas outro meio e recurso de comunicação.

Sendo assim, os primeiros conceitos e/ou sentidos a serem entendidos estão ligados a que tipos de pessoas deverão estar dispostas e têm acesso para cada tipo de recursos usados para a aprendizagem. Pois, nem tudo que existe atualmente, é de acessibilidade de todos, especialmente no setor de educação público.

É preciso, portanto que como educadores e leitores em processo de aprendizagem e evolução, saibamos ter um olhar que se preocupe, com o coletivo e com as necessidades individuais de cada estudante, também leitor. Santaella classifica quatro tipos de leitores, que aqui entenderemos como aprendizes, pois mesmo que não sejam leitores de códigos, estão no mundo e são convidados a lê-lo e a vivenciá-lo.

Segundo a autora, existe o leitor contemplativo, que é o meditativo da idade pré-industrial. O segundo é o movente, entendido como filho da Revolução Industrial, do aparecimento das grandes metrópoles e na multidão (conforme se referência Edgar Allan Poe) no seu conto com esse título: "O homem na multidão". O terceiro leitor ou aprendiz (como os tratamos aqui), é o imersivo, cuja habilidades estão relacionadas a leitores de textos impressos e a muitos volumes, diferenciando-se do leitor de imagens e navegador de telas e programas de leituras. Esse leitor, segundo a autora conecta-se entre pessoas e outros nexos; segue roteiros multilineares, multissequenciais e labirínticos. (SANTAELLA, 2004, p. 29)

Podemos chamá-lo, o assim, o último leitor citado como de pós-moderno. Com o desenvolvimento e evolução do mundo, da cultura, das invenções, e a repercussão das novas tecnologias, de acordo com Santaella e outros teóricos, surge um quarto tipo de leitor, o ubíquo.

Para entender esse novo leitor é interessante que se conceitue ubiquidade e como

---

<sup>3</sup> **Aprendizagem ubíqua** é colaborativa, em que o professor está presente, mas não é ele que passa as informações, ele apenas apoia e ajuda. No caso da educação **ubíqua** o ponto mais importante é o acesso as redes, na ubiquidade a comunicação pode ser feita em qualquer tempo e hora, por meio de dispositivos móveis.

essa definição está sendo aqui usada, como característica de um tipo de leitor e um tipo de aprendizagem. De acordo com o Minidicionário Soares Amora da Língua Portuguesa (2009, p.746), a ubiquidade é propriedade ou estado de ubíquo, que por sua vez, significa o que está o mesmo tempo em toda parte, onipresente. Ou seja, falar em leitor, aprendiz, ou aprendizagem ubíqua, significa estar pensando em novas formas de estar inserido e/ou participante das leituras e aprendizagens apresentadas na atualidade.

Nesse sentido, é interessante esclarecer que leitor e aprendiz foi entendido nessa reflexão como as mesmas pessoas no texto Desafios da Ubiquidade para Educação de Santaella. Visto que, aprendiz ou leitor não são só aqueles que participam de decodificações ou da educação formal. Mas sim, todo aquele que está vivenciando as experiências produzidas pela evolução e desenvolvimento do mundo, das culturas, das tecnologias, e do avanço e adaptação da humanidade frente às várias mudanças temporais e atemporais que estão presentes em todos os lugares.

Dessa forma, pode-se inferir que, as possibilidades de uso de mídias e tecnologias digitais como recursos pedagógicos num contexto de aprendizagem ubíqua, são possibilidades a serem alcançadas permanentemente, visto que as mídias e tecnologias, por si só são ubíquas. Ou seja, estão presentes em todos os lugares e fazem com que o aprendiz esteja conectado com outros, mesmo ausentes, tornando esses outros ou outras coisas, tais como (geografia, circunstâncias etc.) presentes, onde quer que se esteja.

Quando falei em possibilidades de usos de mídias e tecnologias digitais como recursos pedagógicos num contexto de aprendizagem ubíqua, quero afirmar que, na atualidade o contexto é ubíquo, as mídias e as tecnologias, também o são. Porém, para que ocorra realmente a aprendizagem ubíqua será necessário que exista equidade social. Ou seja, que todos, sem exclusão, tenham direito e acesso a mecanismos e aos recursos que proporcionam essa ubiquidade. Isto porque, mesmo com todo avanço das mídias e das novas tecnologias digitais, sabe-se que muitos ainda não têm acesso, nem acessibilidade, aos instrumentos necessários para sua inserção nesse contexto, ainda mais num momento, tal qual a da pandemia de Covid-19.

### **Analogia entre momentos atuais da educação e o Mito da Caverna**

O Mito da Caverna, de Platão, como alegoria é perfeito. O filósofo propôs, através de uma metáfora, que é pelo conhecimento que se capta a existência de um mundo sensível

(pelos sentidos) e do mundo inteligível-através da razão. Nós, seres humanos (entes) continuamos ainda hoje adentrando no mundo e estabelecendo novos patamares de visões distorcidas da realidade. Continuamos usando na maioria das vezes as imagens criadas pelos vínculos culturais, pelas nossas variabilidades, preconceitos, nosso comportamento preconceituoso e informacional. Somente é possível se libertar dessas influências socioculturais deficitárias se sairmos de tais “caixinhas” de opiniões alheias ao princípio básico da racionalização e da subjetividade das coisas ao nosso redor.

Estamos realmente “cegos”, segundo José Saramago (2000), nos seus escritos e entrevistas sobre o tema “O Mito da Caverna nos dias de hoje”, com seu genial senso de humor e de alerta, deixa-nos com ‘a pulga atrás da orelha’, já ‘perto da entrada do ouvido’, quando afirma que, estamos de fato cegos por não observarmos racionalmente, sensivelmente e subliminarmente às coisas ao nosso redor, que nos afetam. Estamos sendo “emprenhados” pelos ouvidos.

O mundo mediático em que vivemos nos faz retornarmos à época das cavernas de forma gradativa, inflexivelmente, e isso constantemente. As “sombrias” não nos remetem a realidade do dia a dia. Temos muita informação e pouca reflexão, logo não temos nada mais. O essencial foge aos nossos olhares mais apuradores. Isso nos deixa à mercê de desequilíbrios socioemocionais, na perdição de nós mesmos como entes de essencial percepção apurada por origem, na relação com e do mundo-visão de mundo, de vida que, também, devido a Covid-19 nos embruteceu.

Já criamos crises existenciais pelo simples fato de que hoje não sabemos para o que servimos, o que somos, e qual seria a existência duradoura de nossas vidas. O resultado é que ao não nos encontrarmos, ainda vivemos num “mundo da lua”, egocêntrico, não retendo, não priorizando nossas necessidades de mudanças. Vivemos num mundo de ignorância e ignorantes? Sim, somos apenas isso, se não ficarmos atentos! E o pior é que poucos estão atentos a isso: nascemos para questionar, refletir e proporcionar meios para superar as anomalias de um processo inevitável de superação em busca da evolução.

A linguagem audiovisual, segundo ainda Saramago (2000), tem infiltrado em nossa cognição, nos prendendo num mundo típico de caverna, de caixinha fracionada à pensamentos libertários. Portanto, debater, refletir, ouvir e racionalizar ideias e pensamentos próprios e diferentes das dos outros entes, ampliará a nossa forma de evoluir cognitivamente.

O verdadeiro conhecimento parte de nós interiormente, segundo Platão. E se, não

temos consciência de nossa própria ignorância abrimos continuidades de nossa vivência ou experiência; estaremos enfiados ao fracasso, acomodados para a extinção de nossa espécie.

### **Considerações finais**

Nos simples dizeres desse texto e por meio das reflexões realizadas, propõe-se atentar-se, enquanto educadores, (sejam docentes, Pedagogos-Orientadores, pais, mães, responsáveis, dentre outros educadores), pelos cuidados de percorrermos por manifestações inovadoras de comunicação sem a devida reflexão, racionalização, ainda mais ativa em momentos contextualizados pela Covid-19. Viver no mundo atualmente de forma individualista das “sombras” dos dias atuais mediáticos, acionados por megapixels, alojados por individualizações de pensamentos controlados e influenciados por máquinas e sistemas de controle criados para nos manipular, e assim nos isolar, em cavernas virtuais.

Os mediáticos foram criados, surgindo sorrateiramente, impostos em nossas mentes de forma sutil e “necessária” para eles, influenciadores, autorizados por nós mesmos. Agora me parece que nos controla, deixando rastros perceptíveis aos mais críticos, mas não mantêm as culpabilidades de tudo que fazem de nós, por nós.

Levando-nos à uniformidade de pensamentos estranhos em contracepção de próprios pensamentos individualizados, de tal forma que nos desligue de modo a ensinar o cognoscente (o que aprende) a pensar, perfazendo-o somente à mobilidade informacional.

Segundo Santaella (2010) a atenção do leitor ubíquo é irremediavelmente uma atenção parcial contínua: responde ao mesmo tempo a distintos focos sem se demorar reflexivamente em nenhum deles. Então, pergunta-se a que ponto a falta de retenção cognitiva sobre o informado tema/assunto será essencial para a sua formação cognitiva? Afinal, esses dispositivos com sistemas que permitem a comunicação multimodal, “multimidiática” e portátil, podem gerar forma acrítica leitores sem a devida reflexividade.

O que emerge, portanto, é um novo processo de aprendizagem que se não tomarmos cuidado, prescinde e dispensa quaisquer outros processos de educação humanizadora, transmigrando o que é de maior valia na relação entre os seres: relação de co-dependência com máquinas e recursos tecnológicos e, muitas vezes, esquecendo da co-dependência com todas as naturezas.

Sabe-se que paira no ar de nossa Educação uma nuvem de insatisfação sobre os

resultados obtidos anualmente sobre o trabalho cotidiano em sala de aula e escolas, mesmo em tempos de pandemias. O arsenal de dispositivos teórico-virtuais e informacionais, as diversas filosofias educacionais só nos deixam perplexos e temerosos quanto o verdadeiro papel da educação na transformação de pessoas e de nosso mundo.

Pode-se concluir, que a proposta da reflexão sobre o tema em foco, foi propor a mim mesmo e a você, leitor(a), educador(a), um papel de gestor(a) de mudanças genuína, mas complexas, na busca incessante para que venhamos juntos contribuir na elucidação de motivos que, de alguma forma, possam alcançar avanços do nosso trabalho educacional cotidiano. Que possamos melhorar a nossa prática de forma da busca de uma educação de transformação interior do indivíduo em diálogo consigo mesmo.

É preciso estar atento, também, pois por detrás de tecnologias atuais e de seus recursos pedagógicos proporcionados à Educação de todos, existem, também, pessoas e sistemas que deveriam ser responsabilizados ao serem adotados ideologicamente; implicando sempre na instrumentalização de ideias ou ideais que não proporcionará, nem sempre ao ser, ente, dito humano, o desenvolvimento de sua capacidade de mobilização dialética ou retórica, ou ainda, na sua práxis. Será necessário um esforço imenso para que possamos superar a dualidade entre viver sob mentiras e viver sob verdades, em momentos convenientes, assim dizem os militantes mediáticos.

Vale ainda lembrar que, segundo Freire (2011), conhecer não é o ato através do qual um sujeito transformado em objeto recebe dócil e passivamente os conteúdos que outro lhe dá ou lhe impõe. O conhecimento, pelo contrário, exige uma presença curiosa do sujeito em face do mundo. Requer sua ação transformadora sobre a realidade. Demanda uma busca constante. Implica invenção e reinvenção, em estado de solicitude (em seus aspectos positivos).

### **Referências bibliográficas**

AMORA, Antônio Soares. **Minidicionário Soares Amora da Língua Portuguesa**. 19.<sup>a</sup> ed. São Paulo: Saraiva, 2009.

BACHELARD, Gaston. **A formação do espírito científico**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

CARVALHO, Anna Maria Pessoa de. Ensino e aprendizagem de ciências: referenciais teóricos e dados empíricos das sequências de ensino investigativas SEI. In: LONGHINI, Marcos Daniel. (Org.) **O uno e o diverso na educação**. 1. ed. Uberlândia: EDUFU, 2011. p.253-266.

- COELHO, Cláudio S. A caverna de Platão. Um diálogo entre filosofia e literatura. In: **Revista Conhecimento Prático**, Literatura – n.º 52. Editora Escala.
- FOUCAULT, Michel. **L'Ordre du Discours**. Paris: Gallimard, 1971.
- FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** Tradução Rosiska Darcy de Oliveira, 15. ed. – São Paulo: Paz e Terra, 2011.
- MASSAGLI, Sérgio Robert.o Homem da multidão e o flâneur no conto 'O homem da multidão' de Edgar Allan Poe. UNESP. Disponível em: [http://www.uel.br/pos/letras/terraroxa/g\\_pdf/vol12/TRvol12f.pdf](http://www.uel.br/pos/letras/terraroxa/g_pdf/vol12/TRvol12f.pdf). Acesso em 10.05.2021.
- PLATÃO. **A república**. Livro VII, Brasília, UnB, 1996.
- SARAMAGO, José. **A caverna**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- \_\_\_\_\_. **O Mito da Caverna nos dias de hoje**. Disponível em: <https://www.netmundi.org/home/2017/saramago-mito-da-caverna-platao/> Acesso em: 10.05.2021.
- SASSERON, Lúcia Helena. **O ensino por investigação**: pressupostos e práticas. fundamentos teórico e metodológico para o ensino de ciências: a sala de aula, n.º 12.
- SANTOS, Boaventura de Souza. **Introdução a ciência pós-moderna**. Rio de Janeiro: Graal, 1989. p. 13-14, 42.
- O menino que descobriu o vento**. Título original: The Boy Who Harnessed the Wind. Longa metragem (113 min.). Direção de Chiwetel Ejiofor, 2019. Netflix.